

A PAIXÃO DO PROFETA – Jeremias 38,1-6

José Ademar Kaefer

O profeta Jeremias encanta as pessoas por sua mística teimosa e pelo seu jeito simples de ser. Ele é um profeta apaixonado por Javé e pelo povo, profundamente persistente e emotivo. É comum ouvir as pessoas dizerem nos grupos de estudo e nos encontros bíblicos que Jeremias é um dos nossos, um profeta próximo, impulsivo, do jeito de ser do povo. Alguém que conhece o sofrimento dos mais pobres porque também ele sofreu na pele as marcas da tortura, do desprezo e da humilhação. Há uma grande sintonia entre o seu sofrimento e o de sua gente e o sofrimento do nosso povo hoje. Esta é exatamente a realidade que o texto que nos propomos a analisar retrata: o sofrimento do profeta por causa da sua luta em favor do povo (Jr 38,1-6).

1. Tradução

¹Ouviu Safatias, filho de Matã, Godolias, filho de Fassur, Jucal, filho de Selmias, e Fassur, filho de Melquias, as palavras que Jeremias falava a todo o povo, dizendo, ²assim diz Javé: aquele que permanecer nesta cidade morrerá pela espada, pela fome e pela peste. Aquele que sair para junto dos caldeus viverá. Ele tornará sua vida um despojo, mas viverá. ³Assim fala Javé: com certeza esta cidade será entregue na mão do exército do rei da Babilônia, e ele a tomará.

⁴Disseram os príncipes ao rei: que morra este homem, porque assim ele afrouxa as mãos dos homens de guerra que ainda permanecem nesta cidade e as mãos de todo povo, falando a eles com estas palavras. Porque este homem não está buscando a paz para este povo, mas o seu mal. ⁵Disse o rei Sedecias: ei-lo em vossas mãos, porque o rei não tem poder diante de vós.

⁶Eles tomaram Jeremias e o lançaram no poço de Melquias, filho do rei, que ficava no pátio da guarda. Desceram Jeremias com cordas. No poço não havia água, somente lodo. E Jeremias afundou no lodo.

2. Organização do trecho

O texto apresenta uma nítida estrutura em três partes:

- 1) v. 1-3: Anúncio do profeta
- 2) v. 4-5: Julgamento do profeta
- 3) v. 6: Condenação do profeta

Na primeira parte, os personagens são os príncipes, Jeremias e Javé. Na segunda, são os príncipes e o rei; na terceira, os príncipes e Jeremias. Os termos mais freqüentes são os verbos “falar” e “dizer” e o substantivo “palavras”. Encontramo-nos, portanto, no campo das idéias. Ou seja, a questão em jogo é a mensagem do profeta. Para os príncipes, as palavras são de Jeremias; para este, as palavras são de Javé.

O fio condutor das três partes são os príncipes que atuam e o profeta que sofre a ação. O nome Jeremias aparece quatro vezes, além das cinco menções indiretas. No texto há uma predominância da antítese vida e morte. Permanecer na cidade significa morrer (pela espada, pela fome e pela peste); juntar-se aos caldeus significa sobreviver (mesmo que seja como presa de guerra).

3. Relação com o conjunto 37–45

O conteúdo que permeia o relato de Jr 38,1-6 é a prisão do profeta no poço de Melquias. O problema é que Jeremias já estava preso. Pelo menos é assim que terminam os versículos precedentes (37,11-20). Temos, portanto, duas prisões seguidas. A primeira (37,11-16) é bem detalhada. Jeremias dirigia-se a Benjamin (Anatot?) para resolver problemas familiares quando foi preso na saída da cidade de Jerusalém, no portão norte da cidade, de nome Benjamin. Uma vez preso, ele é torturado e jogado no calabouço da casa do escriba Jônatas (37,11-16). Depois recebe clemência do rei e passa para uma prisão mais branda no pátio da guarda, onde inclusive tem direito a uma ração diária de pão (37,17-21). A segunda prisão (38,1-6), menos detalhada, acontece dentro da cidade. Também aqui Jeremias é jogado numa cisterna. A causa da prisão seria o conteúdo do seu anúncio (38,2-3)¹, o que difere, portanto, do texto de 37,13-14, segundo o qual ele é acusado de querer passar para o lado dos caldeus sendo, por isso, preso na casa do escriba Jônatas. Depois da prisão (37,11-16), o rei Sedecias manda buscar o prisioneiro e lhe pede informações acerca da vontade de Javé (37,17-21). Jeremias, além de repreender o monarca, revela o terrível fim que o aguarda: o rei será entregue nas mãos dos caldeus. Curiosamente, em vez de a narrativa apresentar a reação do rei diante de tal previsão, ela muda na temática, passa a relatar o pedido de clemência do profeta, o qual é prontamente atendido pelo monarca. No relato da segunda prisão (38,1-6), o rei não faz nenhum esforço em ajudá-lo, o que parece contradizer a simpatia pelo profeta insinuada em 37,17-21. Além disso, a atuação do rei em 38,7-13 sugere que ele nada sabia da segunda condenação de Jeremias. Ainda notamos que, assim como há duas prisões seguidas, 38,1-6 encontra-se também entre duas consultas do rei ao profeta Jeremias: 37,17-21 e 38,14-28, o que parece aumentar as suspeitas sobre uma montagem literária dos textos em questão.

Enfim, tudo isso que mostramos nos leva a crer que estamos diante de um texto costurado. Ou seja, as contradições e as repetições dos atos narrados nos capítulos 37-38 nos levam a supor que 38,1-6 foi inserido mais tarde no conjunto de 37–45.

1. Conteúdo este que parece estar sendo ouvido por muitos, o que contradiz a sua situação de prisioneiro no pátio da guarda. Tudo parece indicar que a prisão de 38,1-6 se refere a um acontecimento anterior. Jeremias parece estar em liberdade. A mensagem, motivo de sua prisão, é idêntica à de Jr 21,9-10.

Além disso, 37,17-21 parece ter sido construído para dar sentido a 38,1-6. Isto é, para que em 38,1-6 Jeremias seja preso é preciso que antes ele tenha sido libertado, ou parcialmente libertado².

Portanto, Jr 38,7-13 poderia muito bem ser uma seqüência de 37,11-16, o que implica dizer que Jr 37,17-38,6 é secundário para a narrativa. Estes versículos, no entanto, não contradizem o conteúdo da narrativa, ao contrário, a enriquecem. No período da redação, provavelmente circulavam muitas histórias sobre o profeta Jeremias. Ao que tudo indica, elas foram reunidas em duas narrativas³.

4. Data

A trama literária apontada acima nos obriga a esboçar, pelo menos brevemente, uma opinião acerca de uma possível data de sua composição. Para tanto, é sempre importante recordar que o primeiro estágio do texto foi o anúncio da mensagem de Jeremias. O texto escrito, como o temos hoje, é um processo complexo e bem posterior.

Partindo do princípio de que a perícopa 38,1-6 tem de ser lida dentro do conjunto 37-45, também a sua composição literária deve ser pensada no todo. Neste sentido, uma primeira constatação é a de que o conteúdo da narrativa dos capítulos 37-45, em sua maioria sobre a pessoa de Jeremias, escrita em terceira pessoa, não apresenta nenhuma crítica à Babilônia. A ação dos caldeus não é condenada como, por exemplo, em Is 40-55. Ao contrário, ela é interpretada como sendo a ação do próprio Deus. Nabucodonosor, inclusive, é chamado de servo de Javé (43,10). Por outro lado, a fuga para o Egito (43,13-22), para onde Jeremias parece ter sido levado contra a sua vontade, é condenada. Isso nos leva a considerar que nos encontramos no período do domínio babilônio sobre Judá. Pela seqüência clara, pela boa construção e pelo conhecimento exato dos fatos durante o cerco, intrigas internas, conquista, deportação e reconstrução a partir da reforma de Godolias⁴, a unidade 37-45 tem tudo para ter sido redigida logo após esse período, quando tudo o que é relatado já havia acontecido⁵. Uma data aproximada poderia ser depois da invasão do Egito, em 568-567 (Jr 43,12)⁶.

5. A resistência encabeçada pelo profeta

Estamos nos últimos meses da agonia do terrível cerco a Jerusalém. A tensão, a ansiedade e o desespero parecem grandes. O ambiente é de apreensão, de morte. As possibilidades de vitória parecem mínimas. Na cidade há um controle rígido que não deixa ninguém entrar e ninguém sair. Mesmo quando os caldeus baixam a guarda, para combater os egípcios, há um controle severo que inibe a debandada da população. Para

2. Veja Josef Schreiner, *Jeremia II 25,15-52,34*, Stuttgart: Echter Verlag, 1980, p. 214 (Die Neue Echter Bibel).

3. Veja *World Biblical Commentary, Jeremiah 26-52*, USA, 1995, p. 223.

4. Baruc parece ter participado de todos os eventos que envolveram Jeremias, reportados em 37-45.

5. Depois da fuga para o Egito fica um grande vazio de informação. Por várias décadas, praticamente não teremos mais informações sobre a vida dos remanescentes em Judá.

6. Não se sabe onde a obra de Jeremias foi compilada. Talvez no Egito. Porém, é mais provável que tenha sido em Judá.

esta há dois inimigos: um é o exército caldeu, o outro são as lideranças, os príncipes, que exigem que a população fique e lute. Possivelmente ainda estava vivo na memória o ocorrido há dez anos atrás, quando Jerusalém também havia sido sitiada. A rendição salvara a população mais pobre, porém as lideranças não tiveram a mesma sorte. Agora a situação se repetia, e os príncipes não queriam que acontecesse com eles o mesmo que ocorrera com seus predecessores. Lutariam até o fim, sem se importar se isso implicaria a morte de todo o povo.

Jeremias está nesse meio. Sua presença, no entanto, não é passiva. Ao contrário, ele está empenhado em convencer as autoridades a mudarem de postura. E mais, Jeremias está aconselhando uma rendição em massa da população. Como já vimos anteriormente, a suspensão do cerco a Jerusalém permitia a Jeremias dirigir-se ao território de Benjamim para receber uma herança⁷. Porém, ao chegar ao portão norte da cidade, de nome Benjamim, ele é preso. A acusação é exatamente aquela que ele aconselhava a população a fazer: “passar-se para o lado dos caldeus” (37,13-14). Jeremias, portanto, é preso como um desertor. Ou seja, o que podemos ver é que, dentro dos muros de Jerusalém, está havendo um movimento pró-Babilônia. Tudo indica que Jeremias é o líder desse movimento. Seu conhecimento da situação mundial e local, sua eloqüência e formação profética, sua coragem e capacidade de mobilização nos permitem supor isso. Jr 38,1-6 parece não deixar dúvida quanto a isso: “aquele que permanecer na cidade morrerá, mas aquele que passar para junto dos caldeus viverá”. O profeta está liderando um movimento interno de rendição. A acusação dos príncipes também confirma tal atuação: “falando estas palavras ele afrouxa as mãos dos homens de guerra que ainda permanecem nesta cidade e as mãos de todo povo”.

O profeta parece não estar sozinho nesta empreitada. Em 38,7s temos um eunuco, muito próximo do rei, que intervém em favor de Jeremias. Esta atitude parece indicar que provavelmente ele pertencia ao grupo pró-Jeremias. Isto é, a rebelião já havia invadido o palácio. O rei mesmo parece não ter claro de que lado ele se encontra. Sua resposta diante da acusação dos príncipes, “ei-lo em vossas mãos, porque o rei não tem poder diante de vós” (38,5)⁸, indica que a situação estava totalmente fora do seu controle. Em 38,19 há a menção de um grupo que passou para o lado dos caldeus e sobre o qual Jeremias parece ter um certo controle. Em Jr 40,11-12; 43,4-7 fala-se de um grande grupo de pessoas que havia fugido de Judá, dispersando-se, nas cidades vizinhas, como Moab, Edom e Amon. Quando Godolias foi instituído governador, soube-se que a terra fora repartida entre os camponeses pobres de Judá e que estes fizeram abundantes colheitas; muitas dessas pessoas que haviam fugido, agora regressavam para a terra de Judá. Também elas estavam de uma forma ou de outra em sintonia com o movimento de Jeremias. Por fim, o próprio Godolias, futuro governador, instituído pelos babilônios, e com quem Jeremias vai trabalhar lado a lado (40,5-6; 26,24), provavelmente fazia parte do grupo de resistência de Jeremias.

7. Que possivelmente está relacionado com 32,7-12, onde Jeremias compra um terreno de seu primo em Anatot por 16 siclos de prata. Unido ao fato de ter tido um secretário, parece-nos indicar que Jeremias tinha uma condição econômica favorável.

8. Veja também Jr 37,17; 38,16.24-25.

6. A paixão do profeta

A resistência liderada pelo profeta Jeremias não teve um final feliz. Sua proposta de rendição não foi alcançada. Além do mais, a tentativa de salvar a população de um fim dramático trouxe para Jeremias conseqüências terríveis. Esta é, aliás, a temática central do nosso texto (38,1-6): a paixão do profeta. Por causa da mensagem de suas palavras, Jeremias é preso, conduzido à presença do rei Sedecias, julgado e entregue nas mãos dos seus algozes. Estes o lançam no poço de Melquias, o filho do rei. Conforme 37,15, antes de ser jogado na cisterna, Jeremias ainda é torturado. A prisão no poço do príncipe Melquias, no pátio da guarda (38,6), é praticamente uma condenação à morte. O fato de ter de descer o prisioneiro por meio de cordas (38,6.11-13) mostra a profundidade da cisterna, de onde, portanto, só se podia sair com ajuda externa. A cisterna parece ser a pior das prisões. Além do escuro e da alimentação precária, o prisioneiro ficava ali atolado no meio do lodo. Ninguém poderia sobreviver nessas condições por muitos dias (37,20).

Curiosamente é possível ver um paralelo entre a descrição da prisão, do julgamento e sofrimento do profeta Jeremias e a descrição da paixão de Jesus de Nazaré. Assim como Jesus, Jeremias não apresenta resistência ao ser preso. A causa da prisão de ambos é o conteúdo de sua pregação. A acusação é a mesma: “encontramos este homem subvertendo a nação” (Lc 23,2b); “este homem afrouxa as mãos dos homens de guerra que ainda permanecem nesta cidade e as mãos de todo o povo, falando a eles com estas palavras. Porque este homem não está buscando a paz para este povo, mas seu mal” (Jr 38,4). A falta de poder de Pilatos e do rei Sedecias para defender a vida de Jesus e a vida de Jeremias é idêntica. Até a frase, ao entregar o condenado, se parece: “ei-lo em vossas mãos” (Jr 38,5); “Então Pilatos entregou-lhes Jesus para ser crucificado” (Jo 19,16; Lc 23,25; Mc 15,15; Mt 27,26). Similar também é a ação dos príncipes e das autoridades dos judeus ao receberem um e outro das mãos dos seus soberanos: “E eles tomaram Jeremias” (Jr 38,6a); “E eles tomaram Jesus e ele saiu carregando sua cruz” (Jo 19,16b-17a). “E o lançaram no poço de Melquias, filho do rei, que ficava no pátio da guarda” (Jr 38,6b); “E chegaram ao lugar chamado ‘lugar da caveira’, em hebraico Gólgota, onde o crucificaram (Jo 19,17b-18a). “No poço não havia água, somente lodo. E Jeremias afundou no lodo” (Jr 28,6c); “Deram-lhe vinho com mirra, mas ele não bebeu” (Mc 15,23).

A semelhança da morte de Jeremias com a paixão do Homem de Nazaré se dá também em relação ao martírio dos profetas e das profetisas da nossa América Latina. Unicamente que esta semelhança vai além de uma mera semelhança literária, ela é a extensão da paixão de ambos.

José Ademar Kaefer
Rua Paraopeba, 551
Diadema/SP
09932-080
joseademark@yahoo.de